

Matéria (hinduísmo) energia cristalizada.

precipitado que se cristaliza no espaço e no tempo graças à consciência cósmica na qual flutua. Impressiona-me a economia desse modelo, que justifica toda a diversidade do universo, evocando um princípio único, que se torna denso e visível a partir de seu próprio substrato sutil e invisível. Quando, alguns anos depois, entrei em contato com a cosmologia da ordem implícita, de David Bohm, com seu esquema de matéria densa e sutil, reconheci sua afinidade com a cosmologia mística da Índia.

O misticismo hindu insiste na reunificação do homem e da natureza, a verdadeira experiência humana do princípio único — e origem — subjacente ao universo. É uma aspiração temerária, intrincada até mesmo para aqueles que estão familiarizados com o misticismo. O prêmio para a experiência dessa união do finito com o infinito é o autoconhecimento e o autodescondicionamento. Quando todas as nossas máscaras são arrancadas, só permanece isto; e, como o sábio do *Upanishad* ensina a seu aluno, "Tu és isto". A ênfase na imanência é atraente — divindade em tudo —, mas alguns anos decorrerão até que eu compreenda por que o autodescondicionamento deva ser o caminho para a união com o infinito. Curiosamente, o que me auxilia a compreendê-lo melhor não é o estudo do misticismo, mas o estudo da ciência.

Também aqui a metáfora dos *Upanishads* é o catalisador. Ela fornece um modelo plausível para a visualização das relações entre o eu finito e a consciência cósmica. O postulado que assegura sua identidade repousa na equação de Brama e Atmã, a manifesta identidade do campo da consciência com nossa consciência individual localizada. Uma vez que a matéria, no modelo hindu, é energia cristalizada, é também a manifestação da mente infinita. O universo é Brama materializado.

"Como a manteiga escondida no creme, a consciência pura habita todos os seres. Deve ser constantemente agitada, com a mente fazendo as vezes de colher. . . O conhecimento do Eu cósmico é obtido através da meditação." (*Amritabindu e Svetasvatara Upanishads.*¹)

Essa teoria da consciência abrange a criatividade cósmica, por um lado — Brama precipitando-se como matéria —,

¹ Ibid.

e a criatividade humana, por outro. Por intermédio da agitação operada pela colher da meditação, o ego manietado retorna à solução, reunindo-se à fonte. Essa equação reversível lembra a equivalência da matéria e da energia, de Einstein, e a identidade da partícula e da onda, da mecânica quântica.

É um tanto irônico o fato de que, se a busca da unidade é intrínseca à ciência, uma possibilidade perturbadora surge por si mesma. Pelo critério da unidade, a ciência pode ser menos "científica" que o misticismo, que almeja uma unificação mais abrangente. É o misticismo, não a ciência, que persegue a Grande Teoria Unificada com lógica implacável, aquela que inclui o questionador na resposta. Apesar de o cientista pretender unificar tudo numa equação absoluta, não deseja fazê-lo *consistentemente*, já que insiste em permanecer fora dessa equação. É claro que, com o advento da mecânica quântica, isso é bem menos possível que na física clássica. Hoje, admite-se que observador e observado constituem uma unidade. Mas a plena significação disso ainda não foi captada por grande parte da comunidade científica, que, a despeito da mecânica quântica, julga poder ficar à margem de sua obra. Num certo sentido, isso é obviamente verdadeiro.

Bombardeando o átomo, como sabemos, o físico liberta grande quantidade da energia necessária à manutenção da integridade do núcleo, seu "poder de coesão". A operação requer, da parte do físico, inteligência, esforço, tempo e dedicação, mas não seu eu verdadeiro, que pode permanecer fundamentalmente imutável. Muito mais se exige do místico. Ele está empenhado em destruir e reconstruir, não uma realidade neutra externa qualquer, mas ele próprio.

Como muita gente, eu achava isso difícil de entender até o dia em que, pelo estudo da física, ocorreu-me a existência de uma notável semelhança entre o trabalho do místico e o do físico.

Analogamente ao bombardeio que o físico impõe ao átomo, o místico bombardeia seu ego autocentrado e o pensador tridimensional que o ampara. O ego, como o átomo, permanece íntegro no tempo graças à sua "força de coesão", aquilo que Buda chamou de "agregados" (*skandhas*) e compõe a nossa personalidade.

Quando a força de coesão do átomo físico é liberada num acelerador de partículas, a enorme energia resultante fica livre. Da mesma forma, são necessárias tremendas quan-